



doi: 10.20396/rfe.v11i1.8654931

## A importância das humanidades na construção do conhecimento: perspectivas em Giambattista Vico

The importance of humanities in the construction of knowledge: perspectives in Giambattista Vico

*João Alberto Mendonça Silva*

*Álison Muryel dos Reis*

*Josemar de Campos Maciel*

### Resumo:

O presente artigo abordará a construção do conhecimento em Giambattista Vico embasando-se no discurso *De Nostris Temporis Studiorum*. Com a troca da “imaginação” pela “racionalidade”, colocou-se de lado a engenhosidade humana, anulando assim a verossimilhança que fora negada por não apresentar verdades factuais levando à atrofia do engenho. O intuito aqui é analisar o desenvolvimento imaginativo proposto por Vico, gerando uma nova crítica. Conclui-se sobre uma possível epistemologia das humanidades, na qual cada sujeito possa, com seus próprios instrumentos, desenvolver um conhecimento menos “dogmático” e mais humano, partindo de um solo estável, qual seja, a história.

**Palavras-Chave:** Engenho; Humanidades; Epistemologia.

### Abstract:

The present article will address the construction of knowledge in Giambattista Vico based on the discourse of *Nostris Temporis Studiorum*. With the exchange of "imagination" for "rationality," human ingenuity was put aside, thus nullifying the verisimilitude which had been denied by not presenting factual truths leading to the atrophy of ingenuity. The purpose here is to analyze the imaginative development proposed by Vico, generating a new criticism. It concludes on a possible epistemology of the humanities, in which each subject can, with his own instruments, develop a less "dogmatic" and more human knowledge, starting from a stable soil, that is, history.

**Key words:** Ingenuity; Humanities; Epistemology.

## Considerações iniciais

Ao discorrermos sobre os saberes humanos é necessário compreender as origens do método de estudo moderno e a influência deste no nosso, entendendo seus benefícios e malefícios, ou melhor, aquilo que foi bem julgado ou ignorado segundo as problemáticas próprias do tempo. Porém, isso só nos será possível se entendermos as causas de nosso método, oriundo de um desenvolvimento histórico.

Este artigo se inicia abordando o conceito de engenho, perpassando pelos feitos gregos, com seus avanços científicos, e com a forma gentílica do saber pelo conhecimento comum. Com o florescer da modernidade, a ascensão do cartesianismo e em sucessão o desprezo pelo verossímil, veremos como nossa epistemologia não trouxe outra coisa se não fatos. É possível compreender, no desenvolver da história, que o operar em exatidões leva à redução do desenvolvimento intelectual dos jovens, tornando-os meros processadores. Assim, é preciso entender que o pensamento factual é necessário, porém, aplicado em um tempo exato, depois da vivência própria das Humanidades, como formação do caráter do ser humano.

Propomo-nos a discorrer sobre a importância das Humanidades dentro da formação e concretização dos saberes, de modo a considerar como pontos essenciais as características humanas, tão desprezadas durante o alvorecer da modernidade. Baseando-nos nas asserções de Vico, perscrutaremos alguns processos que levam a um repensar sobre a questão envolvendo a verdade e a formação do conhecimento. Buscamos não propor uma nova pedagogia ou uma nova prática de ensino e pensar filosófico, mas refletir sobre outra realidade existente e propiciadora de resultados satisfatórios tanto quanto as outras.

## Engenho e fantasia como formadores do conhecimento

O termo Engenho tem sua origem do latim *in-Genius*, divindade tutelar, talento (Faria, 1962). Na Grécia, tal termo era utilizado para aqueles que estavam mais perto dos deuses, ou melhor, para aqueles que estavam organizados e defendiam a verdade e, por ela, foram capazes de entregar a sua vida; depois da morte, recebiam como prêmio a proximidade dos deuses (Platão, 1972). Desta forma, o engenho, tornado agora substantivo, era um modelo a ser seguido pelo povo, principalmente por aqueles que mais participavam das funções do Estado.

Ao tratarmos do conceito “engenho”, devido ao pensamento moderno presente em nós, automaticamente atribuímos a ele seu sentido cartesiano da exatidão e da distinção. Porém, o entenderemos como aquele que tem feito criativo, utilizando da imaginação e da memória. Notamos anteriormente que o engenhoso é capaz de dar a vida por aquilo que defende e nisso recebe o prêmio: a contemplação. Nota-se nos poemas de Homero uma grande acentuação à heroicidade, pois esta conduzirá toda a sociedade a um exemplo e modelo. “Homero é um poeta, não um historiador; e, ademais, dá livre vôo à imaginação criadora, e evoca a uma gesta heróica” (Marrou, 2017, p.33).

O engenho entendido por Vico é aquilo que, pensando sobre/em alguma coisa, se torna capaz de exteriorizar aquilo que se pensa. Por exemplo, quando um literato ou um poeta desenvolvem sua arte, não partem logo de uma crítica, mas vão de viagem em viagem na fantasia com a finalidade de expressar no real, por meio da linguagem, aquilo que já fora expresso no interior do seu ser. Dessa maneira, Vico entende que a metáfora tem justamente esta função: interligar o interno (imaginação) ao externo (mundo). Vê que a postura de um verdadeiro pensador deve ser aguda e não sutil quando se refere às coisas próprias do conhecimento. Conforme mesmo afirma o autor, “não é o mesmo, em efeito, o sutil e o agudo: pois o sutil consta de uma só linha e o agudo de duas. Entre as elucidações agudas ocupa o primeiro lugar a metáfora. [...] Pois a eloquência se presta

sobretudo para os ignorantes; e os homens incultos muito dificilmente retém essas largas cadeias de pensamentos (Vico, 2002, p.87).

Refletindo sobre a nossa capacidade de engenho temos que, de modo primário, é preciso uma abstração pelos sentidos para o colocarmos “[...] naquelas artes que, como na pintura, a poética, a oratória ou a jurisprudência, são ricas em fantasia e memória, ou ambas coisas de uma vez [...]” (Vico, 2002, p.82); como essa abstração pelos sentidos produz imaginação, temos que a imagem é anterior ao próprio feito. Por exemplo: é impossível um escultor de imagens excluir o uso de tal faculdade que traz em si, seja na fantasia ou na memória, o desejo de desenvolver uma obra de arte e, portanto, negar a imaginação seria negar a própria obra; é antes de tudo vagar na fantasia produzir coisas sensíveis a partir do contato com a realidade. Situação diferente passa o Engenheiro, no tempo moderno, que opera mediante formas estabelecidas, desprezando a faculdade sensitiva ou pondo esta em dúvida.

Pode parecer que nosso trabalho se debruça somente sobre a crítica viquiana ao modelo cartesiano racionalista. O fato é que, buscamos entender o problema ou o inconveniente que uma crítica, fora de sua exata aplicação, pode causar: um grande erro, como nota Vico: “Em consequência, não fazem corretamente, pelo que temos dito, aqueles que transferem a prática da prudência para o método judicativo que se serve a ciência. Pois eles valorizam as coisas segundo a reta razão, e os homens, que são em boa parte falhos, não se regem pela razão a são ser por orgulho e causalidade; eles mesmos julgam sobre as coisas tal como convêm que fosse, e as coisas como geralmente ocorre, sucedem ao erro (Vico, 2002, p.14).

Aqui, o autor discerne a respeito do engenho; suponhamos que eu lhes apresentasse determinado objeto e pedisse que, depois de observá-lo, o imaginasse; na mente de um crítico metódico, antes de imaginar este objeto na própria razão, ele negaria aquela imagem ou duvidaria da mesma, como irreal (Descartes, 1996). Em síntese, a “nova crítica” – compreendida como a proposta por Vico e apresentada como um novo ordenamento, já que o modelo em voga na época era o do próprio René Descartes. (Cacciatore,

2005) –, se dá pela incoerência deste método geométrico que, no lugar da prudência apreciada pelos antigos, foi tomado pela crítica dos “racionalistas”; a primeira vai ao objeto a fim de aprendê-lo, quer o que deve ser evitado quer o que será aprendido; já a segunda, ao primeiro contato, duvida e, se a razão não vê com clareza, a nega. Ora, o que afirmamos de novo com essa crítica?

Croce, analisando a gnosiologia viquiana, entende que o cartesianismo apresenta um único caminho de verdade: o científico; tal caminho é o responsável por validar a própria verdade, ou seja, “[...] a verdade deve ser reconhecida como verdade científica” (Croce, 1922, p.3). Neste caso, não é a verdade que diz o seu ser, e sim a ciência geométrica que denomina o que ela é.

Interessante pensarmos que o engenho só é possível mediante um Movimento Imaginativo que sai da consciência do pensamento se exteriorizando. Este movimento se dá na mente (ou mundo fantasioso) imaginando, e vai para fora do sujeito (o feito), como faz notar Vico em relação aos poetas. (Vico, 2002) Este mundo imaginativo, “[...] é o que faz imediatamente vinculante o efeito poético-inventivo do mito e a reconstrução-genealógica das origens.” (Vico, 2005, p.298). Quando Filippo Brunelleschi desenvolveu um modelo de arquitetura que todos tinham desprezado e comprovou que era capaz, a partir de um ponto central (ponto de fuga), elevar um edifício (Vico, 2002), podemos afirmar que, neste feito, temos o engenho como seu causador e, anterior a ele, o resultado de um Movimento Imaginativo; assim ocorre com tantas literaturas e poesias desenvolvidas ao longo da história, seja de Homero, Dante, Shakespeare, Victor Hugo, pois por mais antigas que possam ser, continuam sempre a falar coisas novas ao presente, além de comunicar, no presente, que o passado é capaz de gravar na memória dos vivos fatos históricos de grande relevância para o nosso tempo.

Aristóteles, em sua *Ética à Nicômaco*, afirma que aquele que rege deve olhar para um bem comum e não o de si próprio (Aristóteles, 2001). Assim, se reger pelo outro, postura essa de um Ser em relação à Pólis e o

procedimento das pessoas de maior importância naquilo que se refere ao Estado, já foram apreciados pelos antigos e hoje também o é por nós.

Aqui, “as pessoas de importância” são vistas por Vico como aquelas que, sabendo da ignorância do povo nas questões políticas, são capazes de torná-las simples e evidentes a eles “[...] posto que esta equidade civil não é manifesta nem ao particular, o povo, que não vê senão aquilo que tem em seus pés e só entende o particular, a ignora” (Vico, 2002, p.115). Não muito distintamente ocorre em nosso tempo: um que “pensa” no bem de todos e se rege por todos não dificulta a vida, mas, tendo ciência da ignorância do povo, rege em benefício deles. Vimos que o modelo regencial acima apresentado não se diferencia totalmente do que hoje entendemos por regime político; e é notável como o passado tem influências em nosso presente, principalmente quando se fala de anseios sociais latentes.

Pode parecer estranho logo tratar sobre a fantasia e o engenho, mas é plausível abordá-las por primeiro, pois Vico as considera como atos constitutivos do mundo histórico humano composto, entre outras coisas, pela poesia, imaginação, fantasia e atividade engenhosa, pois “é certamente o mesmo caso que a fantasia, é preciso que se cultive encarecidamente nas crianças, que não sobressaiam sobre nenhuma outra faculdade mental; e em nada devam colocar seus engenhos exceto naquelas artes que, como na pintura, a poética, a oratória ou a jurisprudência, são ricas em fantasia e memória, ou ambas coisas de uma vez” (Vico, 2002, p.82).

É necessário nos debruçarmos sobre tais faculdades, ainda mais na infância, quer uma ou todas de uma vez, pois, anular a fantasia é excluir a memória. Ora, o que há de mais antropológico no homem senão firmar os pés na solidez do passado e começar a edificação e projeção de um futuro? (Silva, 2013). Este mundo histórico do ser humano só é possível mediante a memória gravada nele mesmo. Por isso faz notar Cacciatore que Vico “considera engenho e fantasia como atos constitutivos do mundo histórico do homem. Poesia e imaginação, fantasia e atividade engenhosa não constituem somente peculiares procedimentos cognitivos e interpretativos

da realidade, nem servem apenas para representar uma esfera que não está à margem da existência cultural do homem” (Cacciatore, 2005, p.301).

Excluir estes constituintes reflexivos do ser humano pode torná-lo um não-engenho, ou melhor, um processador de fatos e dados. A nosso ver, é exatamente o que tem ocorrido. O engenho está a par da verdade, como veremos no desenrolar da história. Retomando a divisão histórica viquiana por Santos (2009), percebemo-la nos seguintes períodos: Deuses, Heróis e Homens. O autor entende que aos Deuses era atribuída uma explicação mitológica, feita por imagens humanas, para solucionar os problemas da sociedade; os Heróis eram guerreiros que lutavam pelo status e a exaltação de seu Estado; por fim, os Homens constituíam famílias para o crescimento do Estado e o fortalecimento do mesmo, tendo como imagem os Deuses e modelo os Heróis. Geralmente olhamos a criação histórica a partir do presente ou de um olhar subjetivo, mas Vico entende que a história é espiral e não linear e, por ser assim, existe uma verdade substancial em um ponto histórico, aparente ou não, sobre acontecimentos no tempo.

Quando olhamos a história dos Deuses é necessário, antes de tudo, um retorno ao fato enquanto tal: entender a vivência do povo – cultura e sociedade – para compreender o sentido da questão mitológica no espelhamento da heroicidade e na transmissão histórica familiar dos acontecimentos. Quando excluímos esses fatores de suma relevância para a interpretação, excluímos o engenho do povo e, sucessivamente, a verdade e suas aparências; ou quando olhamos a realidade do passado a nosso bel prazer, criamos uma compreensão errônea da história e do presente, comumente chamada de anacronismo.

Não muito distante da realidade, em relação à interpretação, notamos que aqueles modernos do tempo do autor não se importavam com o caminho a se seguir: viam o ponto final, excluían o que aparentava ser verdadeiro e ficavam com aquilo que julgavam segundo a crítica da razão. Vico entendia que o caminho ao fato se dá mediante fragmentos que compõem a verdade; entendeu que se é incapaz de acessar plenamente as coisas como afirmavam seus contemporâneos. Não exclui, contudo, a crítica que foi levantada, mas

percebe que se ela for aplicada pedagogicamente antes do devido tempo, é capaz de adormecer, na juventude, a imaginação. Nisso jaz o perigo dessa crítica que tornará os jovens inaptos à eloquência (Vico, 2005). O napolitano entende que retirar a fantasia de cada sujeito seria ausentar uma parte vital do Ser, um instrumento importante e condutor ao engenho, ao pensamento.

Retornando ao nosso tempo escolar, com toda certeza, traremos à nossa memória o professor (a) de língua portuguesa, ou de qualquer outra disciplina, que fazendo uso da faculdade imaginativa, prendia a atenção dos alunos e, assim, ensinava. Por exemplo: quando o professor, ao apresentar a letra B, trazia a imagem de uma bola ao lado da palavra e da letra, logo atribuía a expressão “b de bola” ao B que queria nos transmitir, a ponto de passar todas as letras, repetidas vezes, aplicando, assim, a cada letra, uma imagem. Por fim, juntávamos as letras e começávamos a formar os termos. O professor conjugava uma palavra a uma imagem para ensinar-nos a formação de um termo.

De tanto nos acostumarmos a empregar o termo e repeti-lo várias vezes dia-a-dia, ele se firmou em nós a ponto de podermos trazer à memória o mesmo fato, quer do termo, quer da experiência vivida. Quanto a isto, podemos tomar como um verdadeiro exemplo de engenho o fato de a imagem ter conformidade com o externo e como um dado pode remeter a um contexto vivido.

Ora, podemos dividir o engenho em dois: um que se relaciona com as ideias (imaginativo) e outro que está no campo material (criado). Os anseios do homem - ir mais rápido, construir casas - se relacionam com o material. Aquilo que é criado só é possível pela imagem: “[...] foi o desejo de voar que produziu o avião, mas as pessoas não voam pelo desejo, elas voam para um destino [...]” (Frye, 2017, p.25). Caso negássemos tal desejo, estaríamos longe em nossas engenhosidades. Como temos notado, a nossa importância não é tanto o fato, pois ele é o farol que nos guia para os meios a nele chegar. Importa-nos os instrumentos que são os meios para a nossa finalidade. Poderíamos pretender chegar à verdade, mas, não sabendo por

onde começar, teríamos já errado (Vico, 2002). Mesmo que todos busquem a verdade, o bem comum, nem todos sabem os instrumentos ou o caminho para se chegar a ela.

Descartes – autor do novo método – apreende o saber dentro do *Verum Factum*, isto é, tudo o que é verdadeiro o é enquanto factual; o sujeito pensante é capaz de determinar a veracidade do objeto distintamente e de forma evidente. Já Vico entende um *Verum certum*, pois antes de toda evidência existe uma clarividência que o sujeito se apropria para o entendimento de certos fatos. Percebemos em ambos algo em comum: o problema com o modelo de estudo e a autonomia do pensamento. Este vê que, para um verdadeiro construto humanístico-racional é preciso uma introdução no saber comum e uma autonomia do pensamento; aquele, querendo libertar os alunos dos sentidos, propõe traços exatos universais para uma autonomia evidente.

Aqui não se trata e nem se tratará de uma crítica (no sentido negativo) ao “racionalismo”; Vico não o fez, mas apenas analisou as inconsistências e os perigos de um racionalismo mal aplicado e “adverte sobre a necessidade de construir um novo tipo de instrumento que permita [...] explorar o campo da linguagem humana sem mais grandes erros e incertas interpretações” (Ratto, 2002, p.393). Veremos em Descartes a acentuação da racionalidade do sujeito, esquecendo-se de sua humanidade. Nosso autor, percebendo este equívoco, propõe um modelo que valorize as próprias condições humanas para, depois, ser racional. E cremos que tal tema é muito útil diante de uma crise de humanidade que vivemos e Vico, sendo visto muitas vezes como um crítico cartesiano, um literata, e não um filósofo, pode contribuir para nossa reflexão sobre as humanidades.

### **O senso comum como forma de saber**

As crianças ou adolescentes (normalmente nesses períodos que o ser humano está em idade escolar), antes de entrarem propriamente no mundo filosófico da vida, devem antes serem introduzidos no mundo das vivências,

no senso comum (Vico, 2002), pois nele aprenderão critérios de grande utilidade para a prática intelectual. O Senso Comum aqui é diferente do nosso entendimento, adquirido com o auge da ciência natural. Para Vico, o Senso Comum seria a recepção dos valores morais, culturais, sociais de um povo que se transmite de geração em geração não sendo, assim, inferior à ciência, mas fundador até mesmo de todo e qualquer tipo de ciência (Vico, 2011). Deve-se mostrar ao jovem que utilidade podem ter essas vivências para o estabelecimento de uma eloquência, operada por uma prudência e, desta forma, conseguirá responder às questões próprias da vida (Santos, 2002). Podemos duvidar, como Descartes, evitando tudo aquilo que pertence ao senso comum, pois não produz uma verdade factual. Todo saber que o povo produz pode não ser verdade absoluta em si, mas pode possuir aparência desta verdade absoluta. Os gregos clarificam o mito pela razão, mas antes é o povo que caracteriza um sentido humano a ele diante de uma experiência vivida e essa clarificação, segundo a percepção de Cacciatore, é o movimento da formação de toda uma sociedade articulada, sempre visando um sentido “lento em que o processo de formação do mundo civil se articula, a princípio, segundo uma ‘simulação de sentido’. É a narração do mito, a transposição narrativa de revelar-se da divindade frente ao homem, o representar-se de todo ato originário do homem [...] até a compreensão das coisas” (Cacciatore, 2007, p.299).

E como encontrar um sentido sem qualquer tipo de narração? Não podemos afirmar que compreendemos algo sem que antes tenha sido transmitido por alguém. Vico entende a história pela marcação de barbáries e estas ocorrem quando há um choque de realidades no desenrolar da história - retorna-se ao passado e projeta-se a um futuro. A poesia (mas não somente ela) tem justamente a função de explicar este ponto<sup>1</sup> da barbárie, até mesmo como uma forma que gravar o erro na memória como um alerta: Erramos desta forma! e logo apresentavam o caminho errado e por onde

---

<sup>1</sup> Vico vê a história como espiral. A barbárie aqui acontece justamente como um *ponto de encontro* entre o presente como um choque sem respostas, em direção a um futuro, que para visão no presente está ofuscada. Desta forma, não vê outra solução que um retorno (um passo para trás) ao passado para compreensão da problemática enfrentada no presente para uma vivência melhor em um futuro.

deviam ter seguido. Vico vê a história como espiral; a barbárie aqui acontece justamente como um *ponto de encontro* entre o presente como um choque sem respostas, em direção a um futuro, que para visão no presente está ofuscada. Desta forma, não vê outra solução que um retorno (um passo para trás) ao passado para compreensão da problemática enfrentada no presente para uma vivência melhor em um futuro.

A barbárie encontra seu fundamento, no sentido comum, enquanto instrução. Notamos nas famílias antigas a introdução dos jovens no mundo civil - quer confiando a tutela a um pedagogo ou a uma ama - a fim de aprender o que deve ser evitado e apreciado (Platão, 1972). Se algum dia se apresentasse a tal jovem algo que pudesse ser maléfico à sociedade ou a ele, caso tenha sido bem instruído naquilo que se refere à matéria sócio-coletiva, isto é, os costumes das nações, julgaria ser bom ou não para o povo de acordo com a prudência. Desta maneira, o sentido comum está intrinsecamente relacionado a uma moral: evita isso e faz aquilo. Quanto aos embasamentos racionais para o não fazer, isso se dará com a devida maturidade.

Entendemos que o sentido comum das nações é a própria humanística desprezada pelo cartesianismo. Os fundamentos do *verum factum* estão fundados sobre um *verum certum*, isto é, nem tudo aquilo que é factual necessariamente é verdadeiro. Como notamos acima, o fundamento das leis civis encontram-se na moral das nações, advém de outro e, logo, um dado final é elemento de outros que quase sempre não são aparentes e nem absolutos, mas mesclados com as incertezas. O que foi expresso nos romances de Shakespeare não é um fato, mas é verossímil enquanto metáfora que tem uma finalidade específica, e tal metáfora - para quem foi introduzido no contexto - remete ao essencial. Ora, o que os poetas expressam por detrás do vagar de suas poesias diz sobre o algo essencial, não necessariamente um fato, mas um caminho para ele, como o caminho que se trilhou para uma possível guerra, por exemplo.

Vico afirma que nossas ideias claras e distintas - *factum* - não podem ser a causa e o fundamento de todo o nosso saber:

[...] todo o fundamento do critério e da regra é fazer do verdadeiro fato: daqui que nossa ideia clara e distinta da mente não pode ser critério, não das outras verdades, senão as que estão incluídas na própria mente; pois, a mente se conhece, não faz e, posto que não faz, desconhece o gênero ou a forma como se conhece (Vico, 2002, p.139).

O autor entende que existe um problema: no racionalismo se julga conhecer as coisas clara e distintamente, porém não se conhece as suas causas. Cabe a nós uma pergunta: como podemos ter o conhecimento das coisas sem as causas? Aqui entendemos a relação de Vico com a verdade racionalistas e a verdade verossímil: uma é causa e a outra, fim.

O *verum factum*, por excelência, possui e encerra em si todo e qualquer tipo de verdade; ele é o dispensador de tudo o que está aparente ou inaparente, isto é Deus, “Enquanto sabedoria encarnada ‘Verbo’, sabedoria de Deus, que contém todo e qualquer tipo de ideia em Si, e em Si é encerrada, porque Ele é o verdadeiro” (Vico, 2002, p.135). Se ele é o verdadeiro, o restante é cópia ou criação a partir dele, daquilo que o ser humano é capaz de ver. O sujeito é incapaz de criar algo absoluto, só “[...] enquanto que conhece, compõe e faz” (Vico, 2002, p.134), ou seja, o ser humano faz algo quando tem alguma forma que já viu ou experimentou, quer de coisas semelhantes quer de coisas distintas, sendo limitado para uma criação *ex nilo*, do nada, pois faz sempre a partir de algo.

O *certum* para Vico, exemplificado na gravura<sup>2</sup> do Timão, mostra que a verdade se dá a partir daquilo que o indivíduo é capaz de criar, do que vê. A criação *eu-gênica* não fica restrita a atos externos, mas só é possível a partir de uma realidade e de si. Contudo, muitas vezes, faz-se necessário o auxílio da Providência agindo na história indo ao encontro do sujeito. Com sua sabedoria, através de um processo de iluminação, leva o ser humano a inovar e a dar respostas novas às coisas.

<sup>2</sup> “A chave da hermenêutica definitiva e mais profunda, ao menos se prestam a dar acesso à obra *Ciência Nova* e todo pensamento de Vico.” (Bisbal, 2005, p.81).

Dentro de tal inovação, a pessoa humana absorve tudo aquilo que já experimentou e seleciona não à maneira cartesiana, pois Vico entende que ser exato põe de lado o próprio humano. Este é capaz de experimentar o semelhante e o diferente e, pela prudência que tem em si, põe à parte as desvantagens, não a excluindo como faz Descartes, mas transforma-a em esperança para, se for necessário, utilizá-la em algum momento.

Saindo da origem do saber, advindo do povo como sentido comum, e da realidade, atingimos um ponto crucial: a idade adulta do saber, na qual desenvolveremos uma crítica e uma tópica. A primeira se pergunta pela estrutura lógica e racional das coisas, o sentido essencial; a segunda é semelhante em um momento à primeira, todavia, não aprecia chegar à essência, mas busca conhecer as causas, nem tanto a finalidade. A primeira é objetiva e a segunda vacante com o objetivo.

Vico, no *De antiquissima*, afirma que a tópica antes era apreciada pelo mundo do conhecimento, agora se tornou ultrapassada; era a arte anterior à crítica “... e ela é a arte da oração veraz, mas a tópica é a arte da oração copiosa” (Vico, 2002, p.83). E muitos, pensando que sabiam pela dúvida de tudo menos do eu, não tinham algo de tão racional fundamentado; eram rasos em matéria de saber, não produziam um novo. Por exemplo, Cícero sendo versado na tópica, soube fazer uma bela defesa diante dos júris cônsules sobre um julgamento de um homem no Senado romano. (Vico, 2002) Agora, se Cícero não fosse estudado nesse tipo de oração fosse conhecedor apenas de leis, operaria somente segundo as normas estabelecidas, esquecendo-se do lado humano daquele que estava sendo julgado.

A problemática da aplicação da crítica está em não olhar o ser humano: ela se tornou apenas processadora e ruminadora de verdades factuais, não sendo mais capaz de olhar algo diferente e tirar proveito disso, mesmo que esteja evidente aos seus olhos. Vico faz uma bela apreciação daquilo que se deve esperar tanto da tópica quanto da crítica e coloca devidamente a função de cada uma:

No entanto, aqueles que têm se exercitado na tópica ou doutrina para encontrar o meio, posto que já sabem reconhecer [...] todos os lugares dos argumentos no discurso, têm já a faculdade de ver o momento de persuadir em qualquer causa. Aqueles que não praticam tal faculdade merecem o nome de orador, cuja função principal é a de, nas circunstâncias críticas, que não permitem vacilação ou apaziguamento (Vico, 2002, p.83).

Eis a função epistemológica delas: a tópica (a mais louvada por Vico) é própria do sábio engenhoso, pois, ao utilizá-la, mergulha a fundo naquilo que quer dissertar ou conhecer, mas somente ela sem a crítica é vaga; ser capaz de fazer descer ao “fato” não basta para Vico, pois os geômetras assim o fazem; é necessário desejar o mais louvável, i.e., a tópica, e conciliá-la com a crítica.

A crítica é a consistência que garante ao sujeito não ir de pensamento em pensamento sem firmeza alguma. Assim, uma teoria copiosa, que vai daqui para ali estudando parte por parte e analisando conceitos, se não tiver a crítica no momento certo, muda de pensamento a toda hora sem qualquer estabilidade. Em um processo, o orador que faz análises e segura com firmeza sua opinião e, depois de ter visto todos os lados, os prós e os contras do julgamento, não pode largar toda análise feita por uma simples contradição levantada, já que, por muitas vezes, tal situação serve para provar a firmeza do argumento do orador.

Vico retorna sobre a tópica à luz aristotélica quando o autor do *Órganon* menciona sobre a necessidade da voracidade do conhecimento Universal sobre as coisas para que, aprendendo e estudando tudo (não leigos), possamos nos especializar em uma área específica do saber: “É portanto evidente que não é de todos os elencos, mas apenas dos que subordinam à Dialética, que se torna necessário conhecer os tópicos, porque os tópicos são comuns a todas as artes e as todas as potências” (Aristóteles, 2000, p.96). É na tópica que conhecemos sobre todas as coisas dadas, ao menos o essencial sobre elas, para o alcance de coisas não dadas como,

verbi gratia, a relação Matemática-História e esta com a Física (Bittar, 2003).

Quando isolamos uma área do saber, ela fica limitada; quando encontramos uma relação, um tópico, ela se expande. Para Vico o estudante deve buscar conhecer as coisas particulares na cultura e universais nas artes e na sabedoria (Vico, 2002). A cultura lhe dá a prudência e a jurisprudência (valores) e o estudo dos universais lhe dá base para produzir o “verdadeiro” a partir dos meios.

Vico apresenta que um verdadeiro intelectual deve analisar tudo e não desprezar o conhecimento qualquer que seja a sua proveniência, pois:

[...] me parece, que os antigos tem vantagem sobre nós: pois os pitagóricos guardam silêncio todo um quinquênio, tempo este que se propunha a ouvir somente o mestre, e geralmente a função própria dos ouvintes na filosofia era ouvir (Vico, 2002, p.85).

No que se refere às vivências, os antigos nos precederam, pois antes de se posicionarem sobre determinado tema, ouviam e estudavam o que já tinha sido dito para propor algo inovador. Era comum nas academias a confiança das famílias na tutela de um pedagogo como aquele que introduz um jovem no aprendizado da filosofia. No entanto, só conseguiria ser um autêntico pensador aquele que se compreendesse servo da verdade e não detentor dela. Cacciatore diz que a tópica antecedente à crítica, torna possível uma reflexão séria sobre certos fatos, quer do mundo da vida presente, quer do passado; por isso ele entende que em Vico existe uma dualidade entre a racionalidade e as faculdades sensíveis, embora nelas exista uma relação intrínseca (Cacciatore, 2002).

Em suma, notamos que em nosso autor existe uma relação entre a racionalidade e as humanidades (filosofia e filologia), como percebe Botturi (2012). Embora as humanidades tenham precedência sobre a racionalidade, já que os efeitos racionais são frutos de uma aderência humanística e a

ausência de racionalidade é fruto de uma má formação cultural/humana, notaremos, ao tratarmos sobre a teoria da formação do conhecimento, como há uma falha diante da perspectiva de importância dos saberes humanos sensíveis, chamados assim os que necessitam de conhecimentos fantasiosos ou imaginativos frente aos mais exatos, propostos por fórmulas gerais ou que se congregam em realidades específicas e comuns a qualquer lugar do mundo.

### **A importância das Humanidades para a epistemologia**

Vico, ao apontar o cansaço da razão em plena ascensão no mundo Iluminista, é rotulado como um retrógrado (Santos, 2002). No entanto, percebemos a grande relevância da linguagem, da poesia e do mito (filosofia e filologia) na atuação prática contemporânea e até mesmo no período Moderno. Todos os filósofos, afirmando ou negando, de uma certa forma retornaram aos primórdios da Filosofia para o fundamento da autonomia do pensamento. Porém, Vico o faz de uma forma distinta dos demais: recorre à rica cultura itálica e àquilo que possuía de melhor (história).

Resgatando o conceito de mito, percebemos que tudo começa com uma barbárie, um choque, uma confusão no período histórico no qual um povo, não sabendo explicar racionalmente tal acontecimento, precisa, para o apaziguamento deste medo ou ausência de razão, de alguém/algo que explique tal feito (Silva, 2013). E a maneira para explicar uma conturbação é encontrar um ser (potente) que tenha corpo e se aproxima da natureza humana; por isso, os mitos antigos são sempre personificados e nunca algo meramente utópico, porque se não tivesse fundamento no real, era impossível de ser compreendido e logo não seria apaziguado o medo.

Dentro de cada cultura existe uma forma de se expressar e tal forma jamais será realizada ou percebida da mesma maneira. Cada momento é único e dura um instante, assim como cada barbárie é única e em um tempo da história. Ora, a mesma intensidade que um poeta narra um fato não será percebida por quem lê. Por isso, diante dos relatos históricos não

chegaremos a conhecer tal como se realizou determinada situação, devido a grandiosidade da expressão e do longo espaço/tempo entre nós e o fato.

Por isso Vico, ao tentar expressar mediante a tábua cronológica a organização dos antigos, não parte de algo meramente ilusório, mas “dos primeiríssimos períodos da história humana como tempos obscuros, cuja a única fonte segura seria a história sagrada” (Santos, p.163). A história sagrada é o substrato verdadeiro de onde deriva todo o conhecimento, pois é Deus que contém tudo em si e de onde advêm todas as coisas em um processo de devir (Vico, 2002).

Para entender isso, Vico se debruça sobre aquilo que é mais antigo até então, as Escrituras e, no contato com o Deus revelado, a verdade parte de si. Como nota:

[...] temos em primeiro lugar que, ao estar só em Deus o extremamente verdadeiro, devemos professar absolutamente a verdade que por Deus tem sido revelada; e não indagar seu gênero, como é essa verdade, já que de nenhum modo podemos compreendê-la. Desde aí podemos retornar a origem das ciências humanas, e assim obter as verdadeiras (Vico, 2002, p. 136).

Retornando a nossa essência, o autor propõe um estudo filológico, um retorno ao que é, para podermos entender sua influência no presente. A história revelada, em uma primeira instância, não parte do Deus cristão, mas ela nasce do Deus arquetipo, do que faz e, ao decorrer da história e em diversas regiões, percebemos que existe uma adoção de inúmeras divindades, não somente um monoteísmo, mas um politeísmo. Deuses surgiram conforme as diversas circunstâncias e de acordo com tudo aquilo que viam e imaginavam os povos, sendo preciso projetar ou fazer personificar um sujeito que pudesse explicar tal ato.

Por isso, era necessário alguém expressar esta realidade para o povo e, assim iam transmitindo de geração em geração, fundando assim as religiões:

Ao afirmar que os primeiros homens eram poetas (isto é, imitativos) por natureza, tendo a poesia nascido de uma necessidade, e ao considerar as mimese e a capacidade de criar metáforas uma faculdade congênita à espécie humana, Vico aproxima-se da teoria da poesia que Aristóteles concebe na Poética (Santos, 2002 p. 70).

Percebemos que desde o tempo da criação adâmica ao desenrolar dos tempos dentro das barbáries, o homem começa a se expressar com o intuito de se fazer história, de se fazer povo, de se fazer a si mesmo e culminando na cultura como um meio de se assemelhar a Deus, na tentativa de se fazer eterno. Tal semelhança com a divindade, embora não *ex nilo*, mas a partir de um dado, imitando de duas coisas distintas ou semelhantes, cria o novo, chamado invento; aqui, a poesia faz história (memória), a religião chega à Deus e a família garante um futuro.

A importância da aplicação de um determinado termo no seu tempo traz o contexto vivido (história), o desprezo das realidades vitais do homem, i.e, as vivências culturais e tudo aquilo que com elas se relacionam. Mas, com o advento do racionalismo geométrico em busca de uma exatidão dogmática, retira-se do homem tal capacidade de refletir sobre as realidades verossímeis, privando-o da inclinação para o conhecimento de tudo e, principalmente, a sua característica engenhosa.

Não obstante tudo aquilo que temos enfrentado em nosso processo educacional pragmático e exato, não levando em conta a humanística e sim o resultado, esquecendo-nos do sujeito pensante e substituindo-o pelo sujeito concreto, fechado em si, não aberto às relações. A nossa educação, ou melhor, a epistemologia do saber, tem ido de mal a pior; não somente aqueles que buscam o conhecimento no ensino público, mas também a realidade se repete, mesmo que menos intensamente, no ensino particular. Alunos que entram sem luz e saem da educação sem luz, entram na

academia não como acadêmicos, mas ainda meros alunos, sem capacidade engenhosa e cognitiva.

Exemplificando isso, dois noticiários do ano de 2018 elucidam o nosso raciocínio apresentado até este momento: em uma pesquisa feita pela revista *Veja*, demonstra-se que alcançamos um índice péssimo no ano de 2017 nas Olimpíadas de Matemática e de Língua Portuguesa; os dados gráficos do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb) comprovam que a maioria dos alunos de Ensino Médio (3º Ano) alcançaram um resultado 2, ou seja, aquilo qualificados como insuficiente, pois o índice se divide entre os níveis: insuficiente (0 a 4), básico (4 a 6) e adequado (a partir de 7). O índice péssimo na Matemática e pior ainda nas Linguagens (Língua Portuguesa) é a realidade da Educação Brasileira em todos os âmbitos (Veja, 2018).

Outra pesquisa, agora pela Folha de São Paulo (2018), comprova a carência intelectual da população Brasileira; a pesquisa levantada pelo Instituto Paulo Montenegro demonstra que 22% da população que alcançou o nível Superior tem a capacidade de interpretação e expressão textual e, se analisarmos a qualidade produtiva e reflexiva desses 22%, veremos que a porcentagem tende a diminuir. No ano de 2017, 53 pessoas tiraram a nota máxima na redação do Enem e 309 mil zeraram a redação, sendo que tivemos 6,1 milhões de inscritos para a realização da prova. O Brasil se encontra na 59ª posição em termos de leitura e interpretação e, com o auge dos programas técnicos e intensivos prolongando o tempo que o aluno passa na escola, esses números não tem melhorado em relação a 2014 (Folha, 2018).

Não bastando somente o mau percentual, nossas epistemologias do saber deixaram sua essência e passaram a ser fins e não meios. Refletindo sobre a interdisciplinaridade, Leis (2005) percebe a fragmentação entre o verdadeiro conhecer e o conhecimento isolado de maneira pragmática:

Enquanto na época de Aristóteles ou de Galileu os pesquisadores de diferentes áreas se preocupavam para

compartilhar seus conhecimentos, se verifica hoje uma tendência geral que vai no sentido contrário, fazendo que os pesquisadores se entrincheirem nas suas especialidades ou subespecialidade, compartilhando seu conhecimento apenas no interior de um círculo próximo e restrito (Leis, 2005, p.4).

Ao retornarmos à Antiguidade veremos que os Helênicos, os Medievais - nos seus períodos e lugares -, Escolásticos e até mesmo alguns os Modernos (incluindo Vico), não enxergaram o mundo do saber de forma isolada, mas notaram que era necessário saber, estudar e refletir criticamente sobre tudo, mesmo que posteriormente se fixassem profundamente apenas em uma arte. Por outro lado, acontece diferente em nosso tempo: cada vez mais disciplinas isoladas que não se relacionam.

Ora, disciplinas fechadas em si mesmas, como sujeitos ensimesmados, não permitem uma humanidade do saber, uma alteridade ou interdisciplinaridade epistemológica. Por isso percebemos em nosso tempo disciplinas que disputam entre si com rivalidade a melhor produção, a melhor nota ou posição etc, quando na realidade deveriam se importar com a transformação da vida desses seres. Acaso não era isso que pensavam os Antigos?

Por isso o pensamento viquiano nos auxilia a refletir sobre a nossa realidade epistemológica como um saber que pense na sociedade por meio da cultura popular e histórica, analisando a filologia, as suas diversas maneiras de se expressar, nunca analisando um objeto com uma crítica antecedente ao conhecimento, mas como conhecimento antecedente à crítica. Por fim, o jovem, orientado neste saber desde tenra idade, será capaz de formar um conhecimento não padronizado - como enfrentou Vico e Descartes -, mas formar a própria epistemologia do saber segundo os critérios da vida, isto é, por meio das Humanidades (Vico, 2002).

### **Considerações finais**

Ao término de nossas elucubrações, que em Vico existe uma séria preocupação com o humano. Isso se dá com a ascensão da modernidade, principalmente com o cartesianismo, mas não somente ele. A verdadeira epistemologia engenhosa é aquela que, valorizando o próprio tempo e cultura, torna-se capaz de desenvolver novos inventos; estes não se limitam a meros atos externos ao homem, mas a própria capacidade cognitiva de cada ser. Portanto, as palavras e a cultura são de suma relevância, haja vista que aquelas trazem um contexto de vida e a esta, o passado ao presente.

Com a ascensão do cartesianismo e a adoção de um modelo pedagógico e epistêmico exato/geométrico, e atualmente positivista, colocaram a parte os valores humanos e humanísticos, i. e., tópica, crítica, os valores culturais e tudo que deles deriva. Isto se dá com a dúvida e o desprezo por tudo àquilo que não é exato. Tal modelo de exatidão entrou no tempo de Vico nas Universidades da Itália de maneira astuta e até hoje tem causado problemas em nossa forma de pensar, com seus desdobramentos e mutações. As formas de transmissão dos conteúdos acadêmicos e colegiais são factuais, ou seja, este pensamento é um fato. E contra fatos não se refuta por ser algo dado. Ao nosso ver é o que tem ocorrido com nossa educação: um reducionismo a “microprocessadores” de dados, não críticos, e menos humanos.

Clarevidenciamos o nosso conceito por meio de duas pesquisas feitas ainda este ano e, se fôssemos mais a fundo nas pesquisas escolares, acadêmicas e ainda na docência, veríamos resultados ainda mais agravantes. Entendemos que um grande problema da nossa falta de conceitos, interpretações, educação e compreensão, se dá por carência de instrução de uma educação mais humana, não a uma maneira antiga, arcaica, mas à nossa maneira, com a luz do passado.

Portanto, entendemos que antes de uma crítica, é preciso humanizar pela humanística: poesia, música, artes; meios pelos quais se desenvolve a memória e o espírito imaginativo engenhoso e crítico. Vemos outros fenômenos dentro de nossas disciplinas, como a centralização das epistemologias e a não interdisciplinaridade entre os mais diversos saberes.

Ora, o conhecimento deve ser capaz de conversar com as mais diversas formas e tipos de saber e, a nosso ver, não é o que tem ocorrido em nossos tempos: disciplinas pragmáticas e exatas (não no sentido das ciências ligadas à matemática), apenas processadoras e não reflexivas.

Assim, faz-se necessário pensar algo humanístico que possa nos auxiliar no desenvolvimento das faculdades engenhosas; no desenvolvimento da memória, na interação e na complementaridade entre as mais diversas disciplinas epistêmicas e não uma desvalorização dos conteúdos humanos, humanísticos e culturais. Necessitamos de uma epistemologia, de uma formação gnosiológica plena, que valorize o ser humano em toda a sua integridade enquanto sujeito histórico, cultural, humano e racional.

## Referências

- ARISTÓTELES. 2000. *Órganon*. São Paulo, Nova Cultura, 197 p.
- ARISTÓTELES. 2001. *Ética à Nicômacos*. 4ª ed., Brasília, Edt. UNB, 238 p.
- BOTTURI, F. 2012. Embates da razão: mito e filosofia na obra de Giambattista vico (A ética de Giambattista Vico). Pg. 65 - 79. Humberto Guido e José M. Sevilla, EDUF, p. 65-.
- CACCIATORE, G. 2007. Formas e figuras do engenho em Cervantes e Vico. In: H. GUIDO; J. M. SEVILLA; S. A. S. NETO. *Embates da razão: mito e filosofia de Giambattista Vico*. Uberlândia, EDUFU, p. 297-321.
- CROCE, B. 1922. *La filosofia de Giambattista Vico*. Bari, Laterza & Figli, 350 p.
- FERNANDÉZ, J. M. S. 2002. *Tramos de Filosofia*. Sevilla, Kronos, 119 p.
- FOLHA DE SÃO PAULO. 2018. Nunca se escreveu tão errado e se interpretou tão mal. Disponível em: [https://www1.folha.uol.com.br/empreendedorsocial/2018/07/nunca-se-escreveu-tanto-tao-errado-e-se-interpretou-tao-mal.shtml?utm\\_source=facebook&utm\\_medium=social&utm\\_campaign=com\\_pfb](https://www1.folha.uol.com.br/empreendedorsocial/2018/07/nunca-se-escreveu-tanto-tao-errado-e-se-interpretou-tao-mal.shtml?utm_source=facebook&utm_medium=social&utm_campaign=com_pfb). Acesso em 01/09/2018.
- FRYE, N. 2017. *A imaginação educada*. Campinas, Vide Editorial, 134 p.

- GUIDO, H. A. O. 2004. *Giambattista Vico: a filosofia e a educação da humanidade*. Petrópolis, Vozes, 128 p.
- LEIS, H. R. 2005. Sobre o conceito de interdisciplinaridade. *Caderno de pesquisa interdisciplinar em Ciências Humanas*. 6(73): 2-23.
- MARROU, H. I. 2017. *História da Educação na antiguidade*. Campinas, Kírión, 680 p.
- NUNES, A. S. C. 2002. *Arqueologia da Linguagem em Giambattista Vico*. São Paulo, SP. Tese de doutorado. USP, 164 p.
- SANTOS, A. C. 2012. Corpos, metáforas e deuses. In: H. GUIDO; J. M. SEVILLA; S. A. S. NETO. *Embates da razão: mito e filosofia de Giambattista Vico*. Uberlândia, EDUFU, p. 65-79.
- SANTOS, V. C. 2002. *O engenho segundo Vico*. Campinas, SP. Dissertação de mestrado. Unicamp, 148 p.
- SANTOS, V. C. 2012. A propósito do lugar de Vico na modernidade. In: H. GUIDO; J. M. SEVILLA; S. A. S. NETO. *Embates da razão: mito e filosofia de Giambattista Vico*. Uberlândia, EDUFU, p. 157-178.
- SANTOS, V. C. 2003. Vico e a ordem de estudos do seu tempo: a ligação entre Conhecimento e Ética. *Educação & Sociedade*, 24 (85): 1277-1294
- SILVA, J. A. M. 2013. *Vico e Descartes: Duas compreensões possíveis da modernidade*. Campo Grande, UCDB, 79 p.
- VEJA. 2018. O ensino médio vai mal na prova. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/educacao/o-ensino-medio-vai-mal-na-prova/>. Acesso em: 01/09/2018.
- VICO, G. 2002. *Obras. Oraciones inaugurales. La antiquíssima sabiduría de los italianos*. Barcelona, Anthropos Editorial, 323 p.
- VICO, G. 1998. *Autobiografía*. Madrid, Siglo Veintiuno Editores, 189 p.
- VICO, G. 2011. *Principi di scienza nuova*. Milano, Oscar Mondadori, 952 p.

*Submetido em: 15/08/2019*

*Aceito em: 15/09/2019*

*Publicado em: 30/10/2019*